



FOI O ROSTO DO MOVIMENTO NACIONAL FEMININO E ÍNTIMA DE SALAZAR, QUE CONSIDERAVA UM PRÍNCIPE. AOS 86 ANOS, CECÍLIA SUPICO PINTO ABRIU AS PORTAS DE CASA PARA UMA ENTREVISTA EXCLUSIVA. CONFESSA ADMIRAR CUNHAL, DIZ QUE SOARES É UM ALDRABÃO SIMPÁTICO E VÊ A DEMOCRACIA EM PORTUGAL COMO UMA ANEDOTA REVISTEIRA

Cilinha

Uma viagem ao Estado Novo



ENTREVISTA DE *Ana Soromenho* E *Isabel Lopes* FOTOGRAFIAS ACTUAIS DE *António Pedro Ferreira*

Cecília Supico Pinto

‘Não concordei com milhares
de coisas do Estado Novo’

Durante 13 anos foi a presidente do Movimento Nacional Feminino e o rosto da propaganda da Guerra Colonial. Esteve nos cenários de combate e foi ferida na explosão de uma mina, mas na memória colectiva ficou como a senhora que distribuía cigarros aos soldados que embarcavam

Recebe-nos na sua casa de Cascais, ao cimo de uma escadaria escura e, de sorriso aberto, faz-nos passar para um salão solarengo e acolhedor. Conhecemos, finalmente, a presidente do Movimento Nacional Feminino (MNF), a organização que criou a 28 de Abril de 1961 — data do aniversário de Salazar — no rescaldo do sequestro do paquete «Santa Maria» e do início da guerra em Angola. Passámos os dias anteriores à conversa a ler o livro **Cecília Supico Pinto — O Rosto do Movimento Nacional Feminino**, da autoria de Sílvia Espírito Santo (Esfera dos Livros — ver Actual, pág. 45), lançado na passada terça-feira. Sabemos que vamos encontrar uma preferida de Salazar, à época casada com um dos

seus ministros, e que, para o bem e para o mal, liderou um dos movimentos de propaganda do Estado Novo. Não sabemos se, aos 86 anos, esta mulher desempoeirada, que viveu de forma arrojada, se permite ainda a suficiente margem de manobra para um diálogo desassombrado sobre a ditadura. No final de horas de conversa — a única grande entrevista de vida que deu após o 25 de Abril —, Supico Pinto tinha confirmado que a frontalidade continua a ser uma das suas características mais caras: indo mais longe do que no livro, não se coibiu de criticar o regime, afirmou que discordou muitas vezes de Salazar e que o chegou a confrontar com a PIDE e a Censura. Esta é a mulher que fica na História com o seu diminutivo: Cílinha.

Como a tratamos, Cílinha ou Cecília?

Cílinha, por amor de Deus, ninguém me trata de outra maneira. Embora chegue a ser ridículo com esta idade.

Mas sempre fez questão de que a tratassem assim.

Apenas porque detesto cerimoniais. Cílinha é tu cá, tu lá, mais simpático.

Foi lançado esta semana um livro biográfico. Gostou?

Gostei. Mas tem «Cílinhas» a mais. Disse-o à autora: «Não fale de mim, fale do Movimento». O que é que eu interesse? Nada.

O MNF só existiu graças a si.

Era a que tinha mais tempo. Deus Nosso

Senhor não me deu filhos. Por que não me haveria de aplicar a ajudar os outros? Fui educada assim. Quando houve a pneumónica (a gripe espanhola de 1919) a minha mãe e as minhas tias foram tratar dos pescadores na Ericeira e salvaram imensa gente. Criei-me numa família que se preocupava com os outros. Sempre achei natural.

Reconhece-se no livro?

Tem coisas que são absolutamente minhas: a minha maneira de ser frontal. A autora [Sílvia Espírito Santo] percebeu que eu sempre acreditei que é preciso querer para fazer. E faz-se.

No contexto da época, em pleno Estado Novo, as mulheres não tinham o protagonismo que teve.

É verdade. Mas tive muitas amigas que tiraram cursos superiores e outras que trabalhavam. Reconheço que no meu tempo as meninas eram uns «bibelots», umas patetas, que bordavam e cozinhavam...

O seu destaque como presidente do MNF era ainda mais invulgar porque se movia num meio estritamente masculino, o dos militares.

Podia ser esquisito. Nunca pensei nisso.

Também se movimentava com grande à-vontade noutra esfera vedada às mulheres, a da política.

Porque não haveria de me movimentar?

Naquela época não era comum. Talvez não fosse.

A Cilinha e o seu marido, Luís Supico Pinto, ministro da Economia de Salazar, eram considerados «o casal de Estado».

Não sei o que isso quer dizer. Não queríamos polícia à porta, nem andar nos carros do Estado: quando andava naquele carro enorme a que chamava mausoléu, ia agachada no chão, tinha vergonha, aquilo era uma montra... Detestava.

«SALAZAR estava habituado a que fizessem muita cerimónia com ele. Eu era frontal e dizia-lhe as verdades todas»

Entende o alcance dessa designação...

Não sou completamente burra. Percebo, mas não me revejo. Acontecia o seguinte: o dr. Salazar não era casado, o presidente da Assembleia Nacional, Albino dos Reis, era viúvo, portanto, a seguir à senhora do Presidente da República, a D. Gertrudes, passava eu. «Casal de Estado»? Não éramos velhos nem maltrapilhos, tínhamos presença, um e outro, é natural que fôssemos convidados.

A sua relação com Salazar acabou por ser de tão grande proximidade que se dizia que em muitas alturas funcionava como uma primeira-dama.

Primeiras-damas em Portugal...! Isso é uma invenção americana que depois os brasileiros copiaram. Acham chique. Nunca as mulheres de Presidente, e conheci tantas, se sentiam primeira-dama, segunda dama... Dá-me vontade de rir.

Como construiu essa relação de grande cumplicidade com Salazar?

Estava habituado a que as pessoas fizessem muita cerimónia com ele, muita conversa sobre o tempo. Eu era frontal e dizia-lhe as verdades todas. Contava-lhe muitas anedotas brasileiras e ele chorava a rir. Há uma história muito engraçada: num banquete em Queluz, era Verão, e como ambos sofriamos com o calor, perguntou-me: «Está uma noite tão bonita e se fôssemos dar uma volta pelos jardins?» Respondi: «Acho óptimo. Vai ter é os seus chefes de gabinete ali todos a espreitar, mas não me importo nada.» Andámos a passear à volta dos buchos e diz-me ele assim: «Então, como estamos de anedotas brasileiras?» Contei-lhe uma, com o sotaque e tudo, que me fez repetir três vezes. Mais tarde, no dia em

que o «Santa Maria» regressou a Lisboa, ele telefona-me. Disse-lhe logo: «Então e o «Santa Maria»? Vou já para aí.» Senti-o reticente até que ele lá disse: «Lembra-se da anedota do 'Avé' e do jogo do bicho? Não consigo lembrar-me como acaba!»

Foi a Cilinha que pediu a Salazar para falar à população no cais da Rocha do Conde de Óbidos, onde atracou o navio «Santa Maria», após ter sido sequestrado por Henrique Galvão e outros dissidentes do regime.

Isso ficou escrito, mas não foi nada assim. Estavam lá os «bigs» todos e afirmavam que ele não apareceria à população. Cheguei-me ao pé dele e disse-lhe que estava uma data de gente no cais que queria vê-lo. E ele foi.

Se até era uma coisa positiva para o regime por que não lhe diziam que as pessoas o queriam saudar?

Não sei. Tinham sempre medo de o marcar. Inventavam umas diplomacias extraordinárias.

Ao contrário de quase toda a gente não se intimidava com Salazar?

Por que me haveria de intimidar? Quando o conheci, na Embaixada de Inglaterra, no ano do meu casamento, era o meu marido ministro da Economia, ele não tirou os olhos de mim durante o jantar.

Porque seria?

Não sei. Nunca me tinha visto, estava curioso para saber quem era a mulher do Luís Supico.

E também não se sentiu incomodada?

Nada. Não era um olhar de maldade, era um olhar de curiosidade.

Sempre foi assim, frontal e directa?

Sempre. A minha recordação mais antiga é na Ericeira, com três anos. Toda a família ia para a casa do meus avós passar férias. Chamavam-me «O Quadradozinho»,



OLIVEIRA SALAZAR
acompanhado por
Cecília Supico Pinto
e senhoras do MNF,
na iniciativa «Natal
das Famílias» (1963);
Cilinha à saída do
avião, após ter partido
um pé em
Nambuangongo
e continuado a missão
do MNF (Angola,
1964); com Maria
da Glória Barros de
Castro (presidente das
Vicentinas), Gertrudes
Thomaz, Ana Arnaud
e Sara Valadão

porque não sei. O meu tio José Frederico Casal Ribeiro, que foi ministro das Obras Públicas, sempre que me via contava que um dia me chamou «Ó Quadrado...» e que eu lhe respondi: «Não lhe admito intimidades.» Tinha três anos...!

Como foram os seus estudos?

Aprendi a ler sozinha. Os meus pais mandaram vir uma «fräulein», quando eu tinha cinco anos, para aprendermos alemão. Era uma vida muito caseira. Também tínhamos o francês, dado pela professora que educou a minha mãe. Com sete anos comecei com o inglês. Estudava em casa e fazia exames no liceu.

Estudou até que ano?

Até ao quinto.

Desejou ter continuado?

Não muito. Comecei a ficar noiva novinha. Tive três noivos. E depois estive a morrer.

Três noivos?! Não era muito usual.

O terceiro foi com quem casei. Mas os noivados nessa altura eram a coisa mais pacata e mais infantil do mundo.

Aos 17 anos estive a morrer de apêndicite.

Era uma apêndicite normal, foi tudo combinado com o professor Gentil Martins. Mas avisei-o: «Veja lá se me vai fazer uma costura grande como fez à minha irmã Teresa!» Estúpida. Toleima minha e a toleima paga-se. Por causa de lhe ter pedido que não fizesse uma cicatriz grande, ele devia ter drenado e não drenou e fez um hematoma. Tive uma septicemia e na altura não havia antibióticos... Toda a gente pensava que eu ia morrer. Só eu é que sentia que não. A minha mãe contou-me que eu só dizia: «Vejam se depois não posso ter filhos.»

Soube logo que não podia ter filhos?

Só depois de casada. Ainda fui a médicos.

«A PIDE brutalizava imensa gente. Não era uma ditadura, era um regime de força, às vezes forçado de mais»

Não houve nada que não fizesse. Se fosse agora... Foi o meu maior desgosto.

Quando casaram, o seu marido já tinha uma filha.

Era filha da actriz Maria Lalande. Só conheci a filha do Luís anos depois.

Sabia?

Claro. Ele não se casou comigo sem me dizer. Insisti que deveria casar-se com a Maria Lalande, mas ela não quis porque ele não gostava de ela fosse actriz.

Perfilhou-a?

Sim.

Como conheceu o seu marido?

Nas Pedras Salgadas, era ele subsecretário de Estado das Finanças. Nessa altura, tinha um noivo de quem gostava imenso.

Porque acabou o noivado?

Houve uma intriga extraordinária, que eu gostava do Luís e não do meu noivo. Absolutamente mentira. Quando conheci o Luís achei-o chatíssimo, muito mais velho, subsecretário e mais não sei o quê... Mas fiquei furiosa com a intriga porque era muito injusto, e as injustiças põem-me doida. O meu marido dizia: «O meu medo em ti é o teu feitio espada-chim.» Só alguns anos depois casei com o Luís. Nem sei explicar porque. Aconteceu e estive 45 anos casada.

Ao contrário de si, o seu marido era muito recatado e reservado.

Reservadíssimo. Feitios mais diferentes não existem. Ele tinha muito sangue indiano e nesse aspecto era todo oriental.

O seu marido tinha grande influência

no regime. Até lhe chamavam o «seleccionador nacional».

O dr. Salazar gostava muito dele. E o meu marido serviu-o o melhor que pôde. Era sensível e esperto que nem um alho. Estava sempre bem informado e como era muito discreto, tinha conhecimento de tudo e guardava. Eu chamava-lhe «A Ostra». Também nunca mentia a Salazar e por isso ele confiava muito nele. Cheguei a dizer a Salazar: «O senhor está rodeado de aldrabões que lhe mentem e não lhe dizem as coisas porque querem estar bem consigo e querem que os ache muito inteligentes. Como eu sou uma burra ao pé de si, comigo não tem problemas.»

Por que tinham tanto medo dele?

Nunca percebi. Aliás, ele gostava tanto de crianças! Como é que se tem medo de uma pessoa que gosta assim tanto de crianças?! E era um tímido.

Costuma dizer que Salazar era um príncipe.

E era. Tinha um sentido de observação extraordinário. Dava por tudo. E gostava de mulheres bonitas. É o que acho dele e tenho imensas saudades. E não sou só eu.

Gostava de crianças, mas também fez muitas outras coisas...

Não sei se foi ele... Muitas vezes perguntou-me se foi ele ou eram outros que mandavam e diziam que era ele.

Se é a própria a afirmar que ele dava por tudo como é possível pensar que ele não sabia o que se passava?

Não sei.

Mas garante que o medo que se sentia de Salazar era um exagero?

Nunca percebi porque sentiam tanto medo e eram tão reverenciais.

Concordava com tudo o que se passava no regime de Salazar?

● **CILINHA** com militares no leste de Angola



Com tudo, não. E disse-lho muitas vezes.

Com que não concordava?

A PIDE, por exemplo. Brutalizava imensa gente, com certeza que sim, e achava isso horrível.

Falou com Salazar sobre a PIDE?

Sim. Ele dizia: «Mas acha que isso é mesmo verdade? Olhe que eles dizem que não batem...» Também não sei se dizia com convicção ou não. Os melhores génios caem em esparrelas estúpidas.

A PIDE foi uma criação dele.

Tenho impressão de que não, que foi uma coisa do Santos Costa [ministro da Guerra e da Defesa Nacional] e companhia.

O regime era uma ditadura que tinha a sua polícia política.

Não era uma ditadura. Era um regime de força, às vezes forçado de mais.

Já à frente do Movimento Nacional Feminino, a dada altura a PIDE começou a segui-la de perto. Seria para a proteger ou para a vigiar?

Eu sabia, percebia que me estavam a ouvir e a seguir.

Poderá ter sido Salazar a mandar vigiá-la uma vez que era muito independente e emotiva?
Não. Nunca.

Mas admite que ele tinha conhecimento?

Teria conhecimento, mas nunca seria ele a mandar fazê-lo. Defendeu-me sempre, podem ter a certeza.

Defendeu-a como?

Tive coisas na minha vida — que não vou agora contar — em que me abri com ele como se falasse com um padre ou um

COM LUÍS Suplico Pinto, homem forte do salazarismo e com o qual esteve casada durante 45 anos

ARQUIVO PESSOAL DE CECÍLIA SUPICO PINTO



pai. Ele sabia a minha vida toda de cor e salteado. Tinha absoluta confiança em tudo aquilo que eu lhe contava.

Por que se abria com ele dessa forma?

Por que me apetecia e gostava dos conselhos dele. Ele ouvia-me. Era meu amigo. Era uma cabecinha privilegiada.

Então porque é que a PIDE a vigiava?

Eu tinha inimigos. Andava por todo o lado e dizia as verdades. Quando as pessoas são verdadeiras e independentes, e muito directas, e não precisam dos outros para ter lugares, provocam medo.

Mas não contava tudo a Salazar?

Tudo. Tantas vezes que lá fui dizer: «Olhe, passou-se isto.» Ele dizia: «Ó menina, quando houver uma coisa dessas, telefona e vem cá nesse minuto.»

Que coisas?

Não interessa. Já passou.

O que fazia Salazar com as suas informações?

Tomava providências. O Movimento tinha o seu telégrafo de mato e as nossas comissões estavam em todo o lado. Mas não era delatora. Havia coisas graves e eu tinha de contar. Certos comandantes eram realmente umas bestas.

Umhas bestas em que sentido? Das ordens que davam? Das situações extremadas que se passaram na guerra, como massacres?

Estou a referir-me a várias coisas que não deviam ter acontecido. Como em todas as guerras há coisas que são, infelizmente, tristes, para não dizer mais... Nós procurávamos saber as verdades e os militares connosco não faziam cerimónia.

Estas verdades têm a ver com quê?

Toda a espécie de coisas. Por exemplo, na ração de mato não levarem abre-latas e no meio das operações de guerra começarem a matraquear com as G 3 nas latas. Imaginem o barulho que faziam e lá vinham os «turrazinhos» e matavam-nos. Havia coisas estúpidas como esta, que metem raiva. Mas morreu gente. Por amor de Deus! E a culpa era de quem empacotava as rações de combate e não mandava os abre-latas. O Movimento passou a enviar abre-latas a granel. Também descobrimos que militares que iam para a Guiné só eram vacinados contra a febre amarela no local de embarque, quando a vacina tem de ser tomada quinze dias antes. Chegou a morrer gente.

Referiu a importância da verdade. O

que pensa de ter havido a Censura?

A Censura irritava toda a gente. Nunca concordei. Como querem que eu concordasse com a minha maneira de ser?!

E sobre isso que lhe dizia Salazar?

Dizia que era preciso haver Censura porque convinha ao país... Nunca adiantou muito. Sei lá porquê. É pena! Toda a gente devia ser livre de pensar e dizer.

E concordava com o estatuto de submissão que a mulher tinha no Estado Novo?

Nem por sombras. Que estupidez! A mulher tinha de pedir licença para viajar

«EU TINHA inimigos. Andava por todo o lado e dizia as verdades. Faltava material e vacinas, por causa disso morreu gente»

sem o marido!! Passava a vida a barafustar: «Isso é do tempo da Maria Cachucha, já nem se usa.» Era deprimente.

Em relação à profissão de enfermeira — que exerceu embora não tenha terminado o curso — foi Salazar quem fez sair uma lei que proibia as enfermeiras de casar.
É incrível e não sei porquê. Tenho im-

pressão de que não foi Salazar, foi depois...

A lei é de 1942. As hospedeiras também tinham restrições, as carreiras na magistratura e na diplomacia só foram abertas às mulheres após o 25 de Abril.

Nesse tempo havia realmente umas leis que só posso dizer que eram ridículas... Nunca aceitei essas coisas.

Nem viveu assim.
Claro que não.

Há, aliás, a famosa história de fumar



em frente a Salazar apesar de ele achar que isso era um hábito comunista...

Nunca percebi que era feio fumar. E ele não achava que era um hábito comunista, apenas que não era de mulher. Há imensas coisas que dizem sobre Salazar e não são verdade. Ele fumava charuto, quando tinha a república em Coimbra com o cardeal Cerejeira. Mas deixou porque o fumo fazia-lhe pessimamente aos olhos. Só a minha tia Carolina Asseca — que foi a última senhora por quem ele teve um grande encantamento, até diziam que iam casar — fumava ao pé dele.

O MNF foi também para si, em termos muito pessoais, uma forma de escapar a todo este modelo de restrições impostas à mulher naquela época?

Nunca pensei nisso. Fiz sempre as coisas que queria fazer. Não me sentia restrita.

Tinha jornadas de 12 a 14 horas no MNF e viajava muito para África. O seu marido nunca se aborreceu com a sua independência?

Se calhar não gostava, mas concordou.

E não tentava que mudasse?

Não. Ele sabia que eu não mudava.

E o facto de ter tido mais protagonismo do que o seu marido afectou o casal?

Ele nunca achou isso e eu também não.

No livro é transcrita a seguinte citação do historiador José Freire Antunes: «O MNF nasceu, viveu e morreu ancorado numa relação de mútua admiração e dependência entre Cilinha e Salazar.»

Nunca vi as coisas assim.

Não percebe porque é que ele chegou a esta conclusão?

Não. Salazar morreu e o Movimento continuou.

Estar-se-á a referir ao acesso directo que a Cilinha tinha a Salazar, aos gabinetes dos ministros, os subsídios de ministérios ao Movimento...

Mesmo com o Marcello [Caetano] teria a mesma facilidade, conhecia os ministros todos... E só tivemos subsídios nos últimos anos.

A verdade é que o MNF acabou por funcionar como um veículo de propaganda do regime.
Pode ter retumbado nisso mas não foi criado para isso. Não era essa a ideia.

A ideia era qual?

Era ter uma acção patriótica, independente do Estado, para salvar o Império até se encontrar uma solução tipo Commonwealth ou um novo Brasil. A maneira como acabou o Império português é a coisa mais triste, foi um erro enorme, tanta coisa que se podia ter feito.

Quando fala de uma Commonwealth ou de um Brasil está a falar da independência?

Sim, porque podia haver uma independência mas mais ligada. Acham que Angola, Moçambique ou a Guiné estão muito ligados a nós? Não. Viajei muito por África e havia um tratamento completamente diferente entre nós e os africanos e os outros [europeus] e os africanos.

Como era essa diferença?

Nós éramos fantásticos. Os outros tratavam-nos a chicote, como bichos. A nossa África era completamente diferente. Eles ainda hoje têm saudades.

A hipótese Commonwealth gorou-se...

Gorou-se porque não se pensou nisso e devia ter-se pensado.

Porque o regime foi cego, surdo e mudo ao que se passava.

Concordo. Devia ter havido uma visão completamente diferente. E não houve.

O MNF nem sempre foi bem compreendido.

Foi mesmo muito mal compreendido. Imensa gente achava que se estava ali a brincar às senhorecas.

O MNF ficou sobretudo conotado com

as mensagens de Natal e a distribuição de cigarros no embarque dos soldados.

É verdade. Sinto pena que o Movimento tenha ficado como uma coisa de senhoras que não tinham mais nada para fazer a não ser andar a distribuir rebuçadinhos aos soldadinhos. Tínhamos propostas mais importantes como arranjar empregos para os soldados que voltavam, as madrinhas de guerra porque os militares sentiam muita solidão, ou os aerogramas porque as pessoas precisavam de contactar-se. Não era nosso papel fazer isso, nem teríamos existido, se os Serviços Sociais das Forças Armadas ou o Governo o tivessem feito.

«O MOVIMENTO foi muito mal compreendido. Imensa gente achava que se estava ali a brincar às senho-recas»

Tinha consciência de que o MNF corporizava a propaganda sobre a Guerra Colonial?

Chamem-lhe Guerra do Ultramar, logo que lhe chamam Guerra Colonial sei como é que pensam. Não era propaganda da guerra. Ajudávamos aqueles que estavam a defender o Ultramar, o que é um bocadinho diferente.

Já disse que via e sabia muitas coisas da guerra e isso tornava-a incômoda.

Para quem?

Para o Governo.

Porquê?

Se calhar não gostavam daquilo que eu via e dizia. Às vezes, tinham falta de armas, muitas faltas. Cheguei a tirar uma ligadura da perna para ligar a cabeça de um soldado. E até sede passei na Guiné.

Esteve debaixo de fogo.

Só ia às zonas de intervenção, essas é que interessavam.

Assistiu no terreno aos horrores da guerra. Isso não a fazia questionar-se se tudo aquilo valia a pena?

Tudo vale a pena quando se está a lutar

cabo de tudo — duas mil fitas magnéticas, ele diz que eu as destruí...

O comandante da 5.ª Divisão, Varela Gomes, afirmou que foi a Cilinha que mandou destruir tudo.

É mentira. Ainda falei com o Spínola. Mas uns dias depois, praticamente puseeram-me fora, e não voltei a pôr lá os pés.

Depois do 25 de Abril acreditou que o MNF poderia ainda ter um papel.

Sim. Podiam ser precisas mil coisas, havia os militares, tanta gente com a vida estragada. Nunca me disseram nada.

E propôs a extinção do MNF.

Como não se resolviam...

Nunca pensou deixar o país, ir para o Brasil ou Espanha?

Que ideia! Como eu dizia, alguém tinha de ficar a apagar as luzes. Eu e o meu marido nunca pensámos nisso.

Muitos amigos seus foram-se embora.

Eu sei, tanta gente. Nós?! Deus nos livre! Quem não deve não teme.

Não tiveram medo?

Nunca! Para guardar as casas, o meu marido ficou em Lisboa, na Duques de Bragança, e eu vim para Cascais com o cão.

E nunca lhe aconteceu nada?

Era o que faltava, nunca fiz mal nem roubei nada a ninguém — essa era sempre a minha teoria. Mas lembro-me que depois do 25 de Abril fizeram-me uma entrevista e descreveram o meu escritório com tanto exagero que parecia um palácio. O meu querido Tareco [Francisco Sousa Tavares], furioso, telefonou-me: «Sabes que eu não penso como tu, mas não há o direito. Queres que eu vá partir a cara aos Ruelas Ramos?!» Havia uma má-vontade, uma raiva... Passei por cima disso, senão ficava doida ou neurasténica.

«CADA vez que o Tareco era preso eu ia para o Salazar e dizia-lhe: 'Estão a prender o rapaz e ele nem tem culpa formada!」»

Teve uma grande amizade com a mulher de Sousa Tavares, Sophia de Mello Breyner, mas na política estavam em lados opostos. Falavam disso?

Falávamos e entendíamos-nos. Foi uma amizade de toda a vida. Cada vez que o Tareco era preso, ela vinha ter comigo. E eu ia para o Salazar e dizia-lhe: «O que é isto? Estão a prender o rapaz e ele nem tem culpa formada!»

E libertaram-no?

Com certeza. Fazia sempre barulho. Porque é que ele havia de estar preso? Por ser do contra?

Segundo o livro, o seu marido entrou em depressão após o 25 de Abril.

Não é verdade. Só ficou com uma depressão três anos antes de morrer na sequência de uma operação a um aneurisma.

Diz que sentiu uma grande raiva por haver pessoas que lhe viravam a cara.

Toda a espécie de pessoas, conhecidos e até algumas que me tinham pedido coisas. Quem reage assim é um desgraçado.

Foram incomodados pelos militares?

Nunca. No 11 de Março estávamos em Inglaterra — o meu marido trabalhava com os ingleses da Companhia de Ferro de Benguela, foi o que nos valeu e é dessa pensão que eu vivo. Do Foreign Office proibiram-nos de vir para Lisboa, mas viemos e ninguém nos fez mal nenhum.

Costuma votar?

Sempre. Já no tempo em que as mulheres não votavam, como tinha uma quinta em meu nome e pagava 29 escudos ao Estado por ano, tinha direito a voto.

O que pensa de termos um sistema multipartidário ao contrário do que se passava anteriormente?

Não estou inscrita em nenhum partido. Não sei se para Portugal é vantagem porque os povos latinos são muito complicados, nunca sabem o que querem. Estes partidecos não me interessam nada, há muito jogo de interesses.

Não considera positivo haver a possibilidade de escolha?

É sempre bom poder escolher, não acho que seja defeito haver opções... podem é, às vezes, fazer confusão.

Era melhor o sistema de partido único?

Não é isso que estou a dizer. Muitos partidinhos é que não sei se é vantajoso.

Sendo o rosto feminino do Estado Novo...

Do Estado Novo não, do Movimento Nacional Feminino. Não concordei com milhares de coisas do Estado Novo.

...tem traços de uma pessoa liberal, traços de índole democrática.

Democracia em Portugal, e nos países latinos, é quase uma anedota revisteira... Talvez me interesse quando houver um partido liberal bem feito.

Tinha uma vida muito preenchida com o MNF. Depois da extinção, como ocupou o seu tempo?

Fui professora de português de franceses que foram trabalhar para as companhias petrolíferas de Cabinda. Quando isto acabou e como não era rica, fiz muitas coisas para fora, como cozinhar. Só tinha mulher-a-dias duas vezes por semana e fartava-me de trabalhar, limpava e fazia tudo quanto há. E depois sempre gostei de ler, dava assistência a várias pessoas que precisavam, tinha tertúlias... Não me perco. Tenho sempre qualquer coisa para fazer. Não me maço nada sozinha.